

a vez das mulheres

CREA-PR pesquisa o perfil de profissionais e traça estratégia para mais reconhecimento da profissional

por IRMA BICALHO

O Fórum da Mulher, realizado na WEC 2008, em Brasília, abriu espaços para que instituições, ONGs e entidades de classe falassem sobre a inserção da mulher profissional no contexto mundial. Um dos trabalhos apresentados foi o do grupo GT Mulher do CREA-PR de Curitiba, coordenado pela engenheira civil Isis Ribas Busse, diretora regional da Mútua Paraná.

Para isso, o CREA-PR realizou uma pesquisa sobre o perfil e a situação da mulher na área tecnológica, abordando seus hábitos, condição socioeconômica e estrutura familiar. Das 12.829 profissionais registradas no CREA-PR,

525 responderam o questionário.

O diagnóstico foi surpreendente. Mostrou, por exemplo, que apesar do liberalismo e da globalização, no mercado de trabalho as mulheres continuam tendo que travar árduas batalhas contra o preconceito, principalmente na área tecnológica, dominada pelos homens. “Em nossas classes, não raramente, nos destacávamos com as melhores notas e sempre tivemos o reconhecimento dos nossos colegas. Mas, no mercado de trabalho, a situação é bem diferente”. E continua: “Não basta saber, temos que provar, a todo momento, que sabemos e que somos capazes”. Isis Busse é a única mulher a ocupar um cargo de diretoria no âmbito do CREA-PR.

AS PROFISSIONAIS

- 36,34% têm entre 20 e 30 anos e 34,73% têm entre 40 a 50 anos
- 46,36% são casadas e 54,21% não têm filhos
- 25,51% respondem por 70 a 100% da renda familiar
- 45,34% têm renda mensal entre 5 a 10 salários mínimos
- 83,18% atuam na área de formação
- 32,96% dos cargos ocupados por mulheres são técnicos
- 30% dos cargos são da área estratégica, como diretoria, coordenação e presidência



+ no site da revista

- GT Mulher tem recomendações práticas pra mudar perfil

PERFIL

Engenheira foi primeira na área industrial

Engenheira civil, 57 anos, formada pela UFRS em 1975, Maria Elisabete Yang é uma dessas mulheres que norteiam o sonho profissional da nova geração.

Maria foi a primeira mulher a atuar na área industrial da Refinaria Getúlio Vargas (REPAR), há 30 anos. “Na área industrial, não existia nem banheiro feminino” conta.

Ela relata que, naquela época, a primeira reação dos colegas no trabalho era de protegê-la, tratá-la como um exemplar do sexo frágil. Mas depois, passada a estranheza, foi a hora de se impor. “Poucos conseguem enxergar a mulher como profissional. Eles comentavam: ela não precisa trabalhar, para que se sujeitar a isso?”.

Quando teve o primeiro filho, as próprias mulheres não acreditavam e não entendiam porque ela daria continuidade à carreira profissional. “Se não tivesse personalidade teria sido difícil chegar onde estou”, afirma.



Tempos de mudança
Maria Elisabete (acima) e Isis Busse:
pioneirismo e trabalho para mudar realidade
das mulheres na área tecnológica